

## UM IDEAL ROMÂNTICO DE NATUREZA NAS HQs DO CHICO BENTO

*A ROMANTIC IDEAL OF NATURE IN CHICO BENTO COMICS*

*UN IDEAL ROMÁNTICO DE NATURALEZA EN LOS CÓMICS DE CHICO BENTO*

### **Sergio Ronaldo Pinho**

Doutorando em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.  
Mestre em Educação Ambiental – FURG. Professor na rede de Educação Básica  
do Município de Rio Grande/ RS, Brasil.  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2701-0941>  
E-mail: [spinhojr@gmail.com](mailto:spinhojr@gmail.com)

### **Paula Corrêa Henning**

Doutora em Educação e Pós-Doutora em Filosofia pela Universidad de Murcia/Espanha.  
Professora do PPG em Educação Ambiental e PPG em Educação em Ciências  
Universidade Federal do Rio Grande - FURB, Rio Grande, RS, Brasil.  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3697-9030>  
E-mail: [paula.c.henning@gmail.com](mailto:paula.c.henning@gmail.com)

### **Virgínia Tavares Vieira**

Doutora e Pós-doutora em Educação Ambiental - FURG. Professora do Programa de  
Pós-Graduação da Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC.  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8560-3780>  
E-mail: [vi\\_violao@yahoo.com.br](mailto:vi_violao@yahoo.com.br)

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo estabelecer um diálogo em torno do conceito de natureza e de seu discurso veiculado nas histórias em quadrinhos (HQs) do personagem Chico Bento. As discussões articuladas ao campo da Educação se referem em especial à Educação Ambiental. Nesse artigo, apresentamos um dos enunciados que auxiliou na constituição do discurso de natureza por meio das Histórias em Quadrinhos, o qual nomeamos como “Um Ideal Romântico de Natureza”. Em uma perspectiva foucaultiana, entendemos esse enunciado como uma das partes que sustentam o discurso de natureza emergente em determinadas práticas de Educação Ambiental produzidas na cultura ocidental contemporânea. A pesquisa traz como principal resultado possíveis contribuições para a análise crítica do discurso de natureza presente nas HQs, posto que, muitas vezes, há a definição de um tipo particular de sujeito, o ecologicamente correto. É preciso colocar sob suspeita uma única constituição de sujeito que nos leve a definições e determinações que definam um único modo de ser e viver o tempo presente.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos; Educação ambiental; Chico Bento; Michel Foucault.

### **ABSTRACT**

This article aims to establish a dialogue around the concept of Nature and its discourse conveyed in the Comic Books of the character Chico Bento. The discussions articulated in the field of Education refer, in particular, to the Environmental Education. In this article, we present one of the statements that helped to the constitution of the discourse of nature through Comics, which we call as: “A Romantic Ideal of Nature”. In a Foucauldian perspective, we understand this statement as one of the parts that sustains the discourse of emerging nature in certain Environmental Education practices produced in contemporary Western culture.

The research presents as main result possible contributions to a critical analysis regarding the discourse of nature present in comics, since, there is, frequently, the definition of a particular type of individual: the ecologically correct. It is necessary to put under suspicion a single constitution of an individual that leads us to definitions and determinations that define a single way of being and living in the present time.

**Keywords:** Comics; Environmental education; Chico Bento; Michel Foucault.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo establecer un diálogo sobre el concepto de naturaleza y su discurso transmitido en los cómics del personaje Chico Bento. Las discusiones articuladas en el campo de la educación se refieren en particular a la educación ambiental. En este estudio, presentamos uno de los enunciados que ayudaron en la constitución del discurso de la naturaleza a través de los cómics, que llamamos: "Un ideal romántico de la naturaleza". Desde una perspectiva foucaultiana, entendemos ese enunciado como una de las partes que sostienen el discurso de la naturaleza que emerge en ciertas prácticas de educación ambiental producidas en la cultura occidental contemporánea. La investigación trae como resultado principal posibles contribuciones al análisis crítico del discurso de la naturaleza presente en los cómics, una vez que, a menudo, existe la definición de un tipo particular de sujeto, el ecológicamente correcto. Es necesario poner bajo sospecha una constitución única de sujeto que nos lleve a definiciones y determinaciones que definen una única forma de ser y vivir el tiempo presente.

**Palabras-clave:** Cómics; Educación ambiental; Chico Bento; Michel Foucault.

### APRESENTAÇÃO

O presente artigo tem como objetivo estabelecer um diálogo em torno do conceito de Natureza a partir da análise das formas desse discurso, veiculadas nas histórias em quadrinhos (HQs) do personagem Chico Bento e suas relações com as concepções presentes no campo de saber da Educação Ambiental (EA). Na análise do material posto em suspenso, a pesquisa mais ampla apontou para dois enunciados potentes que auxiliaram na constituição do discurso de Natureza por meio das histórias em quadrinhos. Aqui apresentaremos um deles, a saber: *um ideal romântico de Natureza!* Tal enunciado foi produzido pela visibilidade e enunciabilidade das HQs do Chico Bento. Assim, problematizamos enunciações e visibilidades que constituem um discurso de Natureza, tomada esta como um ideal romântico. Desta forma, a idealização do discurso torna visíveis posições de sujeito atravessadas pelos problemas contemporâneos que demonstram o que alguns estudiosos, entre eles Isabel Carvalho (2008) e Keith Thomas (1988), denominaram de novas sensibilidades diante das relações entre os humanos e a natureza não humana. Estas enunciações e visibilidades apresentadas em seguida, retiradas das HQs do Chico Bento, passam a constituir o enunciado que estamos nomeando como: *“Um Ideal Romântico de Natureza: o dito e o visível nas HQs do Chico Bento”*. Entendemos esse

enunciado como uma das partes que sustenta o discurso de Natureza emergente em determinadas práticas de EA produzidas na cultura ocidental contemporânea.

### **Alguns delineamentos teóricos e metodológicos da pesquisa**

As formas definidas pelas enunciações e visibilidades selecionadas nesse texto são instigantes e possibilitaram-nos visualizar, a partir dos estudos da análise do discurso de Michel Foucault, o enunciado que pretendemos problematizar neste artigo. Isso será demonstrado na análise do *corpus* empírico colocado sob suspeita. Ao tratar da análise do discurso a partir de Michel Foucault, um dos ensinamentos que tomamos de empréstimo desse importante filósofo francês é que a realidade é fabricada, visibilizada e constituída a partir de discursos. No campo de saber sobre o qual aqui nos debruçamos, entendemos que os acontecimentos discursivos mencionados auxiliam na fabricação daquilo que hoje nomeamos como Educação Ambiental. Os modos como narramos, visibilizamos e delimitamos o campo ambiental constituem-no como um problema a ser resolvido. A EA é peça-chave nessa maquinaria que toma os acontecimentos de devastação ambiental como problema e a EA como suposta resolução para eles.

Desta maneira, tal enunciado é tomado, aqui, como uma atualização do discurso romântico naturalista do século XIX, também incorporado, no século XX, às proposições conservacionistas da EA em seus aspectos críticos ao processo de industrialização, marcado pela perspectiva racionalista e utilitária. Tal perspectiva produz verdades, cujos efeitos encontram os objetivos políticos e econômicos sustentados nas práticas dos educadores ambientais, enquanto sujeitos de um saber emergente que está se constituindo em campo de conhecimento na atualidade. Podemos dizer que essas práticas científicas e racionais implicavam a tentativa de domínio total da natureza, conhecendo todas as suas propriedades, classificando-as e induzindo os resultados mediante testes. Desveladas essas verdades, identificados os elementos pesquisados a partir da análise de dados comprovados, estabelecem-se os critérios de falsidade e erro. Também, na Modernidade, passam a ser consideradas as mudanças ou inovações no sentido de progresso, evolução, esclarecimento, superação. São, assim, formuladas as bases de afirmação dos postulados teóricos e científicos voltados para as grandes explicações

universais, constituindo as metanarrativas que determinarão o enquadramento do mundo natural pelo humano, civilizado.

Nas HQs do Chico Bento, as enunciações e as visibilidades analisadas trazem a Natureza e a cultura do caipira como formas de ressaltar o que é indispensável e está sendo degradado, perdido, transformado pela modernidade e marcado pelas necessidades de sujeito universal.

Temáticas relacionadas a uma certa crise ambiental, a natureza, o meio ambiente, as relações humano/cultura/natureza e tantos outros saberes que remetem ao campo da EA são temas recorrentes em veículos de comunicação de massa, em artefatos culturais, bem como em práticas culturais como fotografia, música etc. Nas HQs não é diferente! Há uma produção e reprodução contundente de discursos, saberes e significados que circulam neste artefato cultural com um grande poder de alcance. Lívia Lisbôa (2008) ressalta o quanto as HQs se constituem como um importante veículo de transmissão de saberes e significados ambientais, chegando nas mais diversas camadas e populações da sociedade, por ser de fácil leitura e compreensão. Além disso, tal artefato cultural se configura não apenas pela sua linguagem escrita, literária, como também existe uma produção de sentidos e saberes compostos a partir de uma linguagem gráfica e visual, acessando assim também uma população não escolarizada. Ou seja, é de fundamental importância atentar para a relevância desses artefatos culturais que produzem e (re)produzem discursos de verdades e significados para além dos muros escolares, fabricando assim subjetividades. Atentamos aqui para a importância da cultura enquanto uma teia de produção de significados que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos de um determinado tempo histórico e social. Esses artefatos que circulam na cultura produzem diferentes saberes que insistentemente direcionam nosso olhar, nossos modos de ser, estar e pensar no tecido social. Para Kindell (2004, p. 12) tais artefatos culturais acabam por serem tomados como “[...] instâncias educativas que produzem idéias, representações e identidades culturais, sendo, deste modo, constitutiva dos sujeitos”.

Ou seja, isso seria atentar para o lugar que esses artefatos vêm ocupando na educação. Lívia Lisbôa ressalta que “Assim como os livros didáticos, as revistas de difusão científica, sítios na internet, entre outros artefatos, **as HQs tem sido consideradas como fonte de estudo e pesquisa**, principalmente quando se trata de infância, juventude, sensibilização e formação de sujeitos e identidades” (LISBÔA, 2008, p. 12, grifos nossos).

Problematizamos esses modos de produção de saber, a relevância de uma cultura que produz, que ensina, que educa, tensionando assim uma separação entre a “alta” cultura e a chamada cultura popular. Na contemporaneidade, colocamos em xeque essa divisão binária que acaba por determinar uma certa centralidade na instituição escolar como o espaço de produção de conhecimento. A escola deixa de ser o único e legítimo lugar de produção de saberes. A mídia, os veículos de comunicação de massa, artefatos culturais que cada vez mais invadem nossas vidas nos dizendo, nos ensinando como precisamos fazer para cuidar da natureza, do meio ambiente; como devemos ser e que posturas necessitamos assumir ante o planeta. Giesta (2002) ressalta que há uma produção de conhecimento das questões ambientais por meio de uma educação informal que cada vez mais vem ganhando espaço e legitimidade em nossas vidas. Para o autor,

Textos propagando mensagens de atenção ao meio ambiente, no que se refere à proteção, preservação, conservação e recuperação ambiental são cada vez mais presentes em reportagens, propagandas, letras de música, embalagens de produtos industrializados, **histórias em quadrinhos** e tantos outros “portadores de texto” (GIESTA, 2002, p. 161, grifos nossos).

Na mesma linha de argumentação Amaral ressalta que:

Além dos tradicionais livros didáticos, podem ser reconhecidos como instâncias legítimas, os livros infantis, os desenhos animados, **as histórias em quadrinhos**, filmes de ficção, programas infantis, documentários, anúncios publicitários, novelas obras de arte, fotografia etc. (AMARAL, 1997, p. 25, grifos nossos).

É por apreender a relevância e potência de artefatos e práticas culturais como as citadas pelos autores acima que olhamos para as HQs e sua relevância na composição de saberes e verdades sobre as questões ambientais, sobre a natureza e a produção de subjetividades nesses atravessamentos.

A partir desse olhar para as HQs, colocamos luz nos quadrinhos do Chico Bento. Foi então que a partir dos ensinamentos de análise do discurso, em Michel Foucault, miramos as partículas do discurso que conferem significado e demonstram o funcionamento de um dos enunciados que se produzem no material analisado. Nesse artigo, tomamos o enunciado de “*Um Ideal Romântico de Natureza*”, destacando elementos que remetem a novas sensibilidades em relação à Natureza, a partir de aspectos pitorescos, prazerosos, puros e saudáveis.

Antes disso, é necessário esclarecer o que é entendido como visível e enunciável neste estudo. De acordo com Fischer:

[...] a produção de pensamento sobre o que se pode ver e o que se pode dizer numa determinada época, sobre continuidades e descontinuidade das coisas ditas em certo tempo e lugar, sobre modos de subjetivação desviantes e modos capturados pelas redes de poder e saber (FISCHER, 2012, p. 133-134).

Ainda, conforme Fischer (2012, p. 134) o enunciável e o visível aparecem relacionados a práticas discursivas e não discursivas produzidas de formas muito específicas e que falam de certo tempo e lugar, falam de determinadas relações de poder e produzem sujeitos de certa forma. O enunciável aparece sempre junto do visível. O visível é pensado, aqui, como uma trama de visibilidades (FISCHER, 2012), a saber: o gibi enquanto produto, com uma rica linguagem visual, possível de ser analisada nos detalhes – os personagens em jogo, as paisagens apresentadas como Natureza, o texto propriamente dito, o produto e sua inserção em uma política global de produção e circulação. Salientamos ainda que o visível foi tratado a partir do produto, o próprio gibi. Desta forma, foram considerados os detalhes específicos da linguagem ali contida, os personagens em jogo, as figuras, o texto, as sequências narradas nas histórias, as estratégias para capturar determinados públicos, enfim, os modos de articulação do público com esse artefato midiático. Procuramos trazer à superfície a trama das visibilidades que são condição de possibilidade para a produção do discurso de natureza e sua emergência na época atual. Isso está associado a acontecimentos políticos, a processos econômicos e a práticas culturais, enquanto acontecimentos ligados também a espaços institucionais definidos, como a escola, por exemplo. Nesse contexto, o enunciável, o dito, parte de uma dada materialidade visível e, embora não se reduza a ela, aparece no seu interior. Desta forma, segundo Foucault:

Nem oculto, nem visível, o nível enunciativo está no limite da linguagem: não é, em si, um conjunto de caracteres que se apresentariam, mesmo de um modo não sistemático, à experiência imediata; mas não é, tampouco, por trás de si, o resto enigmático e silencioso que não traduz. Ele define a modalidade de seu aparecimento: antes sua periferia que sua organização interna, antes sua superfície que seu conteúdo (FOUCAULT, 2012, p. 137).

Diante desses ensinamentos teórico-metodológicos, nossa pretensão foi dar a ver as visibilidades – muitas vezes operadas através das imagens das HQs – e as enunciabilidades – o dito, compondo os modos como tais histórias vão narrando e fabricando uma certa Natureza. Vale lembrar: ensinando os modos *corretos* de experienciá-la, compondo com isso certas educações ambientais mais *legítimas* e *necessárias* em tempos contemporâneos.

Também, estão relacionadas à visibilidade produzida nas HQs, os modos de articulação do público com o gíbi. Além disso, a trama das visibilidades depende das condições de emergência de certos discursos que são constitutivos de determinada época e lugar. Considerando esta proposta de análise, a partir das ferramentas foucaultianas, o que foi selecionado como visível adquire significado na medida em que trata dos espaços de enunciação do discurso de Natureza, atualmente acionado pelo dispositivo da Educação Ambiental (GARRÉ, 2015).

Esses modos de enunciar e dar visibilidade à Natureza, inclusive denunciando acontecimentos que marcam a necessidade de pensar a EA, são evidentes na atualidade e conduzem a problemas relacionados à forma de organização da vida. Desta maneira, a constituição do enunciado em questão produz o que compreendemos como Natureza, a partir da apresentação de determinados modos de ser sujeito. No contexto desta formação discursiva, são colocadas sob suspeita as práticas identificadas pela busca de uma Natureza que está deixando de existir e só pode ser encontrada no estilo de vida rural em contato com uma paisagem bucólica. Esse discurso também será contextualizado ao lado das contribuições teóricas que afirmam a necessidade da Educação Ambiental para despertar a consciência sobre como devemos lidar com a Natureza.

Assim sendo, é interessante destacar o quanto esse enunciado é produtivo ao sugerir cuidados e expressar preocupações identificadas nas enunciações que o sustentam. Analisando a idealização como um dos aspectos da nova sensibilidade a respeito da Natureza visível no conjunto de histórias sob análise, temos percebido os fragmentos do discurso que definem a Natureza no contexto contemporâneo do mundo, na fase atual da Modernidade. Para demonstrar, fazemos referência à seguinte exclamação de Chico Bento (SOUSA, 2009, n. 28, p. 14): “Oia só à sua vorta... nós tamo no paraíso! Tem muito verde, sombra i água fresca pra todo mundo! Pra que eu ia querê i imbora? A gente podia ficá aqui pra sempre!”.

Conforme está explícito na enunciação, a idealização da Natureza aparece relacionada à ideia de paraíso, à sombra das árvores e com água fresca. Um lugar ideal para viver, sensível, disponível na natureza relacionada ao espaço rural, esperando ser desfrutada. Assim sendo, os cuidados com a Natureza se fazem indispensáveis diante de um mundo que utiliza os recursos naturais desordenadamente. É importante notarmos as principais características que o personagem Chico Bento atribui à vida na roça: reciprocidade, paz, simplicidade, liberdade. Como demonstra o próprio dito do personagem na HQ – Aquela saudade do sítio (SOUSA, 2009, n. 36, p. 53): “Ocê é quem divia di conhecê mior o sítio! Ansim, ocê ia vê como lá tem tudo di bão! Lá tem natureza, ar puro, liberdade, brincadeira...”. Diante da fabricação do discurso, tendo como um dos enunciados *Um ideal Romântico de Natureza*, percebemos nessa enunciação a duplicação de um posicionamento corrente que está presente na EA e marca o mundo ocidental no final desta primeira década do século XXI. Isso coloca o retorno à natureza como forma atuante na produção de subjetividades, pois, conforme assinala Grün (2012), são muitos os discursos que remetem à idealização de um novo mundo. Segundo esse autor, isso é um elemento constitutivo do discurso ecológico desde os anos 60 do século passado. Para Grün:

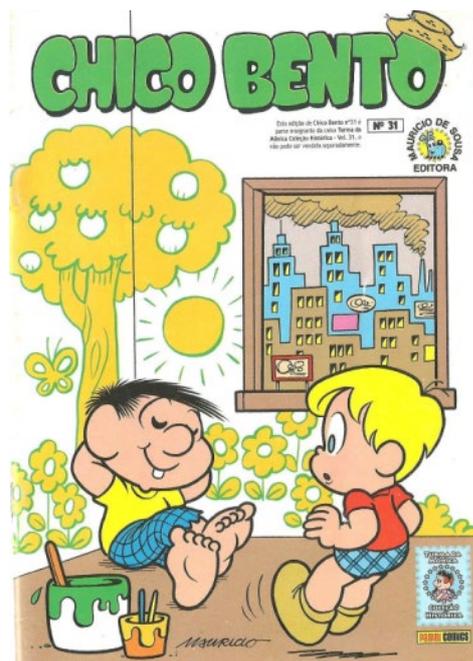
É precisamente esse o caso de parte significativa dos discursos sobre educação ambiental. O cartesianismo estabeleceu uma alienação dos seres humanos da natureza. A educação ambiental deveria então promover reintegração dos humanos ao seio dessa natureza. Imbuídas desse simpático objetivo muitas propostas de educação ambiental têm insistido na necessidade de um *contato direto com natureza* (GRÜN, 2012, p. 76, grifos do autor).

Tais práticas discursivas ressaltam a postura incorreta das relações que envolvem seres humanos e natureza na atualidade. Para isso, algumas singularidades são introduzidas pelas enunciações que compõem esse enunciado ao adjetivar a natureza. Isso é visível a partir de substantivos e adjetivos utilizados para apresentar a natureza nas HQs do Chico Bento. Como transparece na enunciação a seguir, quando Chico Bento vai à praia e encontra o mar sujo e mal cuidado: “Quiria qui vois mecê discourpasse essas pessoa qui num sabe ti respeitá direito... sujando a água, a areia... parece qui eles num consegue inxergá a sua belezura! Sinão, ocê ia se todo limpinho, inguar o rio de donde eu moro!” (SOUSA, 2010, n. 44, p. 64).

Nesse caso, a enunciação do discurso, verbalizada pelo personagem Chico Bento, enaltece os aspectos do rio de onde ele mora, na Vila Abobrinha, na roça, julgando a falta de educação dos banhistas da cidade que vão à praia. Há aqui uma exaltação das características da natureza idealizada; problematizam-se as práticas humanas. Trata-se de uma posição de sujeito que está ao lado de discursos constituintes da EA. Essa insatisfação traduzida nas expressões pronunciadas está nos modos de vivenciar a experiência que marca a relação entre humanos e natureza (como não humana) na contemporaneidade. De acordo com essa lógica, ao colocar o respeito à natureza e o reconhecimento da beleza natural como pertinentes, a idealização aparece na comparação com o rio do lugar onde ele mora.

É importante olharmos para as marcas modernas presentes na fabricação dos modos de vida aqui delineados como uma forma de olhar para as coisas do mundo. Isso é visível na seguinte imagem :

Figura 4: SOUSA, 2012, n. 31. (Turma da Mônica Coleção Histórica)



Esta capa de um dos gibis do Chico Bento nos dá a visibilidade do discurso de uma Natureza ideal, romântica, pois Chico Bento está na cidade e pinta a parede do quarto, da casa ou apartamento, com uma árvore frutífera, flores, um sol radiante e uma borboleta. É encontrado pelo seu amigo encostado na parede do quarto sob a figura da árvore, dormindo como se estivesse no sítio diante de uma natureza perfeita. Em oposição a essa Natureza exuberante, podemos ver, na janela do quarto, a cidade com seus edifícios, *outdoors* e chaminés, poluída e sem natureza visível. Ou seja, as referências a uma natureza ideal aparecem sempre relacionadas à vida rural.

Com isso, é possível afirmarmos que as enunciações e as visibilidades analisadas denotam posicionamentos constitutivos da atualidade, são deste mundo e configuram o que está sendo vivido e evidenciado nos discursos de sujeitos atuantes nas diferentes áreas do conhecimento e da produção de saberes. Assim, a idealização romântica no discurso de Natureza das HQs do Chico Bento encontra aceitação porque pode ser percebida em outras posições afirmativas das mesmas verdades que fazem o jogo e o enredo do contexto cultural, institucional, político e econômico do mundo na contemporaneidade.

Desta forma, devemos considerar a constituição de um discurso ideal e romântico de Natureza relacionado à ideia de novas sensibilidades, como aparece nas obras de Keith Thomas (1988), Isabel Carvalho (2008) e Serrão-Neumann (2007) referentes à construção de sentimentos de perda e cuidado, associados a determinações políticas, econômicas e sociais próprias das manifestações da cultura humana em cada período histórico. Verificamos, também, a idealização de um lugar permeado pela pureza e pelo lazer, cujos ritmos não são determinados pelo tempo do relógio e das máquinas, mas sim pelos sinais específicos da Natureza. Vejamos essa enunciação retirada da capa de um exemplar do Almanaque do Chico Bento:

Ler um almanaque do Chico Bento é como respirar o ar puro do campo, nadar e pescar no rio, experimentar as delícias do fogão à lenha, contar causos, enfim, viver uma vida simples, gostosa, sem complicações... (SOUSA, Almanaque, 2013, n. 40).

Considerando estas peculiaridades, quando a Natureza é apresentada nesse movimento, surgem questões ambientais como problema e dentro desse cenário a natureza aparece como salvação, sinalizando um estilo de vida mais “natural”, simbolizado

nas HQs pela cultura do caipira e da vida cotidiana na roça. As cenas enunciativas que se afiguram nas páginas dos gibis constituem as formas pré-estabelecidas de reconhecimento dessa natureza associada à vida rural. Nas HQs do Chico Bento, essa forma de conhecimento pré-estabelecida é claramente identificada. Com isso, compreende-se o enunciado aqui apresentado como elemento potente na fabricação do discurso, produzindo nossas subjetividades à medida que reverbera e vai ao encontro de outros discursos instituintes de práticas direcionadas a definir relações com a Natureza. Desta forma, as visibilidades e as enunciações extraídas das HQs são, em alguma medida, acionadas pelo dispositivo da Educação Ambiental (GARRÉ, 2015). Vejamos, por exemplo, o sentimento de nostalgia e a preocupação com a perda do que a Natureza oferece nas seguintes enunciações presentes no bate-papo do Chico Bento com o sol, transcrito da história denominada “Um papo com o sol”.

**Chico Bento** - Oê já oi pras redondeza? Já viu como tá ficando a minha roça?... Si alembra seu sor, daquela arvre qui a molecada ficava brincando di balanço, subindo nos gaio... Usando a sombra pra fazê piquenique? Oia como ela tá agora! O calor queimô todas as foia! Num tem mais sombra... Num tem mais fruta! (SOUSA, 2013, n. 34, p. 5).

**Sol responde** - Por que me acusa? Eu apenas cumpro a minha missão de iluminar e aquecer o dia! Que culpa tenho eu dos seres humanos desmatarem a terra? Mudarem os cursos dos rios, mexerem com a Natureza... Claro! É mais fácil me culpar do que enxergar os próprios erros! (SOUSA, 2013, n. 34, p. 8).

Ao analisar essa situação, cujas enunciações, presentes no bate-papo transcrito, dão forma à Natureza vivida pelo caipira, pequeno agricultor ou roceiro, simplificados pelo estereótipo do personagem Chico Bento, identifica-se a problematização expressa na ingenuidade das perguntas. De acordo com Danowski e Castro:

O mitema do mundo edênico persiste contemporaneamente na ideia de *wilderness*, aqueles espaços cada vez mais restritos de uma natureza pura, incorrompida pela presença humana, *horti conclusi* que dão testemunho de um passado que teria conseguido sobreviver “intocado” desde os tempos primogênicos até o presente - mas que estaria hoje ameaçado de desaparecer, em resultado da ação cegamente predatória da civilização ocidental (DANOWSKI; CASTRO, 2014, p. 37, grifos dos autores).

Transparece assim o discurso fabricado, atualizado, dentro de uma perspectiva singular colocada pelas práticas relacionadas à natureza no contexto da cultura ocidental contemporânea. Conforme nos informa Guimarães:

[...] podemos considerar que as diferentes formas de nos relacionarmos com a natureza dizem respeito às próprias idéias (constituídas culturalmente) que nos interpelam a respeito do que “é a natureza” e de “quais são” as formas possíveis de nos relacionarmos com ela. Dessa forma, os modos como vemos a natureza, e também como nos relacionamos com os diferentes seres que nela estão, são constituídos culturalmente (GUIMARÃES, 2007, p. 240-241, grifos do autor).

A roça é um dos espaços que dá visibilidade a essa perspectiva romântica, idealizada, visto que busca na suposta tranquilidade do mundo rural um exemplo de Natureza que devemos admirar. A enunciação a seguir demonstra isso (SOUSA, 2012, n. 71, p. 51): “Ah! A vantagem de morá na roça é o sussego! A gente pode deitá na rede e drumi iscuitando o canto dos passarinho! Qui belezura!”.

Com isso, pretendemos dar a ver o quanto nessas HQs há um discurso de Natureza vinculado a um romantismo sustentado pela referência a algumas práticas culturais idealizadas que, além de expressarem uma sensibilidade aguçada em relação à natureza, assumem um caráter educativo mediante as preocupações ambientais do nosso tempo, relacionadas à constituição de um determinado tipo de sujeito. Nesse sentido, os indivíduos são tensionados a se fazerem sujeitos, a criar estratégias de ação que caminhem na direção de “preservar” a natureza. Enfatiza-se, dessa forma, o entendimento de que a sociedade moderna precisa incorporar a preservação da Natureza e assumir a necessidade de uma EA conservacionista.

Consequentemente, diferentes modos de conceber a Natureza delineiam maneiras de ser sujeito diante dela. Assim, as formas definidas de pensar são historicamente ensinadas por práticas culturais localizadas. Mas que, ao serem capturadas pelos artefatos midiáticos, produzem efeitos e constituem ações, educando sujeitos. No caso deste estudo, educando especialmente para a fabricação de um *sujeito ecologicamente correto*. Ao apresentarem determinadas atitudes ideais, configuram maneiras de ser e estar no mundo. Nesse sentido, o enunciado compreende características pedagógicas que provocam efeitos, contribuem para a construção de sentidos e instituem verdades. Sendo assim, exercem papel ativo na produção de significados sobre o que diz respeito à

Natureza. A enunciação a seguir é um exemplo afirmativo do que está posto (SOUSA, 2012, n. 71, p. 12): “Desta vez, eu vim só pra descansar mesmo! Curtir esta tranquilidade da roça!”.

No contexto acima, os tios de Chico Bento chegam ao sítio para visitá-lo, em busca de um ambiente puro, saudável, encontrado somente em um lugar onde a Natureza é vista em oposição ao cumprimento de regras e horários, sinônimo de um tempo que não existe nos lugares associados à vida moderna mais intensa. Neste caso, é preciso estranhar a sensibilidade destacada na enunciação: se sobressaem atitudes comprometidas com a valorização de uma natureza ideal que só existe no ambiente rural. Isso também é visível na imagem da HQ denominada – “Chico Bento em fruta no pé”. Conforme aparece abaixo:

Figura 5: SOUSA, 2012, n. 71, p. 22.



Como explicitam as imagens e a enunciação (SOUSA, 2012, n. 71, p. 22) – “Morá na roça é uma dilícia!” – a natureza é rica, as frutas são saborosas, a roça é uma delícia; enfim, esse olhar ideal se desenvolve em parte como uma nova funcionalidade do discurso de natureza constituído diante dos problemas ambientais que caracterizam a Modernidade na fase atual. A favor desta perspectiva, nos apropriamos das contribuições de Isabel Carvalho (2008) no que diz respeito a considerar o papel da natureza no contexto das novas sensibilidades presentes nos discursos. Diante deste caminho, segundo a autora, é produzido um imaginário ecológico, muitas vezes colocando a natureza como uma visão arcádica, com sentimentos românticos que levam a problematizar o utilitarismo instituído pela Modernidade no que diz respeito às relações que são estabelecidas com a natureza não humana.

Frente a esses limites históricos e culturais, que emergem na superfície dos problemas apreendidos pela análise do discurso, os estudos culturais nos remetem à importância de atentarmos para a dinâmica cultural não como uma identidade fixada, representativa, reprodutiva, mas, em um viés pós-estruturalista, como formas que são afirmadas a partir de verdades. Enfim, colocadas em funcionamento diante da evidência dos fatos; no caso desse enunciado, a ameaça constante da perda da Natureza. Como salienta Wortmann (2010, p. 13), partindo das proposições pós-estruturalistas “nos constituímos como sujeitos nas práticas, nas produções e nas instituições culturais com as quais interagimos ao longo de nossas vidas”. Desta forma, a cultura não deve ser entendida apenas como extensão necessária da natureza e tampouco implica reduzir o ambiente a um pano de fundo a serviço de um melhor entendimento do mundo contemporâneo. É preciso compreender os significados presentes nas práticas culturais em confronto com narrativas que afirmam a coesão e a essência do que tem sido configurado como natural. Segundo a autora:

[...] muitas dessas narrativas não apenas conferem um valor intrínseco ao chamado mundo natural, mas, igualmente, evocam a existência de uma força criadora que dele emanaria. Já em outras narrativas voltadas a conferir importância à preservação, é evocado, e até exacerbado, o medo das catástrofes, sendo possível dizer que essas atuam na reorganização de certas visões utilitaristas acerca dos entes e seres do planeta, tão presentes em formas modernas de pensar o mundo natural (WORTMANN, 2010, p. 20).

Desta maneira, o enunciado de *Um ideal Romântico de Natureza: o dito e o visível nas HQs do Chico Bento*, constituído pelo discurso das sensibilidades em torno do que precisa ser valorizado como Natureza em vias de extinção, mostra o quanto o discurso de natureza dos quadrinhos procura trabalhar em sintonia com outros discursos potencializados pelo dispositivo da Educação Ambiental (GARRÉ, 2015), a partir de estratégias pedagógicas. Considerando esse pensamento, identificamos que uma característica importante nas condições de possibilidades que produzem o olhar sobre a Natureza é a relação estabelecida com os usos do discurso no tempo e no espaço. Assim, algumas formas de sensibilidade expressas nos ditos retirados das HQs do Chico Bento afirmam a preocupação contemporânea com o fim, o esgotamento dos recursos da natureza, cujos efeitos atingem diretamente a vida humana. Como apontam Danowski e Castro:

[...] não são apenas as sociedades que integram a civilização dominante, de matriz ocidental, cristã, capitalista-industrial, mas toda a espécie humana, a própria ideia de espécie humana, que está sendo interpelada pela crise – mesmo, portanto e sobretudo, aqueles tantos povos, culturas e sociedades que não estão na origem da dita crise. Isso para não falarmos nos muitos milhares de outras linhagens de viventes que se acham sob ameaça de extinção, ou que já desapareceram da face da terra devido às modificações ambientais causadas pelas atividades “humanas” (DANOWSKI; CASTRO, 2014, p. 12, grifo da autora).

Com isso, pensamos o enunciado aqui em evidência como um imperativo do discurso, pela apologia que faz aos benefícios da vida rural, com poucos recursos tecnológicos, próximo a um estado de Natureza puro. Analisamos esta posição demarcada como uma forma da compreensão atravessada pela concepção moderna de natureza, ou seja, imersa na polarização. Problematizando o dito acima a partir de Carvalho (2012), consideramos que a sensibilidade expressada está baseada em um ideal de Natureza entendida como reserva de bem, beleza e verdade. São decisivos os valores morais empreendidos nesse posicionamento, pois os sujeitos desse discurso, ao enaltecerem o estilo de vida rural, o fazem demonstrando uma natureza romântica domesticada, humanizada; portanto, civilizada nos moldes da cultura ocidental. Podemos pensar sobre isso a partir da visibilidade disponível nas imagens e na enunciação selecionadas a seguir:

Figura 6: SOUSA, Almanaque, 2010, n. 20, p. 8.



De acordo com a história em quadrinhos “Chico Bento em o poço dos desejos”, o que é visível nas imagens e está dito na enunciação que expressa a fala de Rosinha – percupada ca atuar situação das nossas floresta, tudo sendo desmatada... – é o desdobramento de um problema contemporâneo, atualmente debatido na sociedade como um perigo evidente, a preocupação com o desmatamento das florestas. Então, Rosinha responde ao Chico Bento que ela pediu, no poço dos desejos, para tudo voltar a ser como antes. Em seguida, os dois reatam o namoro e saem felizes de mãos dadas. O romantismo e o ideal de um retorno à natureza despertam a sensibilidade e se fazem presentes. Vemos então o discurso como prática, como ação determinada em torno do conceito Natureza, operando em relação aos fatos da atualidade. Nesse sentido, há nas HQs um olhar propositivo validado pelas verdades afirmadas nas “novas sensibilidades” do momento em que vivemos e pelo saber constitutivo da EA como área emergente do conhecimento no mundo contemporâneo.

Na análise do discurso efetuada nas HQs, os efeitos dessa perspectiva interpelam os leitores sugerindo modos de ser sujeito. Algumas formas destacadas atentam para esse comportamento quando explicitam o quanto as novas sensibilidades, orientadas pelas determinações da história do presente, indicam um questionamento necessário que, neste artigo, está apresentado como o enunciado de um *Ideal Romântico de Natureza*. A partir do exercício desse olhar voltado para as HQs, compreendidas como artefato midiático, selecionamos algumas das enunciações que formaram o enunciado e nos possibilitaram colocar sob suspeita os efeitos de um discurso de Natureza recorrente na literatura moderna, atualizado por saberes que fazem da Educação Ambiental um dispositivo. Segundo afirma Garré (2015), um campo de saber cada vez mais presente e atuante no contexto histórico que constitui a sociedade e as práticas culturais do mundo contemporâneo. Essas formas de pensar a natureza e as relações humanas evidenciam algumas condições, atestadas pelos acontecimentos ocorridos no mundo contemporâneo, que dão sentido às enunciações e sustentam a pertinência da constituição desse enunciado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No artigo ora exposto, procuramos evidenciar o quanto o enunciado aqui apresentado é um dos enunciados que sustentam o discurso de Natureza nas HQs do Chico Bento. Esse enunciado, articulado a outros, constitui uma formação discursiva configurada na contemporaneidade por ações e pensamentos que envolvem práticas culturais e posicionam os seres humanos de determinadas formas em relação à Natureza. Esses jogos de verdade acontecem em torno de discursos, entrelaçando enunciados que se antecedem e se sucedem conforme nos explica Foucault (2012, p. 114): “Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências”.

Desta maneira, a análise das visibilidades e das enunciações constituintes do que apresentamos como discurso de Natureza nas HQs do Chico Bento reverberam, são desdobradas e exercem um papel criativo, educando o olhar dos indivíduos e provocando seus sentidos em direção a um determinado tipo de sujeito, o ecologicamente correto. Isso confirma a pertinência dos enunciados aqui elaborados como categorias de análise do discurso, visto que, estudando a construção do discurso de Natureza nas histórias em quadrinhos, foi possível desnaturalizar as posições de sujeito veiculadas em um artefato cultural midiático tão importante, cuja circulação atinge diferentes públicos, produzindo novas subjetividades pela sensibilidade que desperta.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Marise Basso. **Representações de natureza e a educação pela mídia**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, Instituto socioambiental, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Estudos Foucaultianos, 9).

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GARRÉ, Bárbara Hees. **O dispositivo da Educação Ambiental**: modos de constituir-se sujeito na revista *Veja*. 2015. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande/FURG, Rio Grande, 2015.

GUESTA, Nágila Caporlândia. História em quadrinhos: recurso da educação ambiental formal e informal. In: RUSCHEINSKY, A. (org.). **Educação Ambiental**: abordagens múltiplas. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p. 157-168.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Pesquisa em educação ambiental: olhares atentos à cultura. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; KINDEL, Eunice Aita Isaia (org). **Ensaio em estudos culturais, educação e ciência**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental**: A conexão necessária. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KINDEL, Eunice Aita Isaia; SILVA, Fabiano Weberda da; SAMMARCO, Yanina Micaela. **Educação Ambiental**: vários olhares e várias práticas. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

LISBÔA, Livia Lüdke. **Histórias em quadrinhos como local de aprendizagens: saberes ambientais e posições de sujeitos**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2008.

SERRÃO- NEUMANN, Silvia Maria. **Para além dos domínios da mata**: as estratégias de preservação de fragmentos florestais no Brasil. (Santa Genebra, Campinas, SP). São Paulo: Annablume, 2007.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, n. 36, p. 53, 2009.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, n. 28, p. 14, 2009.

SOUSA, Maurício de. **Almanaque do Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, n. 20, p. 8, 2010.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, n. 44, p. 14, 2010.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento**. (Turma da Mônica – coleção histórica). São Paulo: Panini Comics, n. 31, 2012.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, n. 71, p. 12, 2012.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, n. 71, p. 22, 2012.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, n. 71, p. 51, 2012.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, n. 34, p. 5, 2013.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, n. 34, p. 8, 2013.

SOUSA, Maurício de. **Almanaque do Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, n. 40, 2013.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitudes em relação às plantas e animais. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A educação ambiental em perspectivas culturalistas. In: CALLONI, Humberto; SILVA, Paulo Ricardo Granada Correa da. **Contribuições à Educação Ambiental**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2010.

Recebido em: 30/06/2020

Parecer em: 09/07/2020

Aprovado em: 11/08/2020